



A natureza relacional dos conceitos fundadores da linguística moderna: uma leitura do *Curso de Linguística Geral*

The relational nature of modern linguistics founding concepts: a reading of the *Course in General Linguistics*

Allana Cristina Moreira Marques*

RESUMO: Neste estudo propomos uma leitura da edição do *Curso de Linguística Geral*, cuja publicação, em 1916, é reconhecida como o marco de fundação da Linguística Moderna. Essa leitura que ora propomos será guiada por um objetivo particular: demonstrar como a noção de relação, para além da teoria do valor, considerada por alguns estudiosos carro-chefe da reflexão saussuriana, atua também como um elemento indispensável para a elaboração dos diferentes conceitos propostos por Ferdinand de Saussure, tais como língua, sincronia, diacronia, mutabilidade, imutabilidade, arbitrariedade e linearidade, dentre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Relação. *Curso de Linguística Geral*. Ferdinand de Saussure. Linguística.

ABSTRACT: In this paper we propose a reading of *Course in General Linguistics* edition, whose publication in 1916 is recognized as the mark of Modern Linguistics foundation. This reading we propose will be guide by a particular aim: to show how the notion of relation, beyond the value theory that is considered the most important Saussure's reflection, is also imperative for the elaboration of different concepts proposed by Ferdinand de Saussure such as language, synchrony, diachrony, mutability, immutability, arbitrariness and linearity, among others.

KEYWORDS: Relation. *Course in General Linguistics*. Ferdinand de Saussure. Linguistics.

1. Introdução

No ano de 2016, diversos eventos que aconteceram no Brasil e em diferentes partes do mundo celebraram o centenário da publicação de uma obra fundadora, o *Curso de Linguística Geral* (CLG). Organizada por Charles Bally e Albert Sechehaye a

* Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL) do Instituto de Letras e Linguística (ILEEL) da Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: lanacrismm@yahoo.com.br.

partir de notas manuscritas do linguista suíço Ferdinand de Saussure e de anotações de alunos dos três cursos de linguística geral ministrados por ele em Genebra, esta obra atuou como um importante marco na história dos estudos linguísticos. É em sua publicação que se reconhece a fundação da Linguística Moderna.

Este reconhecimento se deve à novidade radical, nos termos de Normand (2011), que o pensamento saussuriano introduziu ao campo dos estudos linguísticos, dando as bases para um novo modo de conceber a língua. Cem anos após a publicação do CLG, a novidade de que trata Normand ainda resta e as palavras de Benveniste (1966 [2005], p. 35), em comemoração ao cinquentenário do CLG, parecem ainda mais atuais: “Saussure é em primeiro lugar e sempre o homem dos fundamentos”.

Com a descoberta de notas autógrafas de Saussure em 1955, 1958, 1967 e, mais recentemente, em 1996, as quais juntas totalizam quase 30 mil folhas distribuídas nas bibliotecas de Harvard e de Genebra (cf. SOFIA, 2012), o interesse pela investigação da teoria saussuriana ganhou novas forças. Para alguns estudiosos, tais como aqueles adeptos ao pensamento de Bouquet (2000), as notas manuscritas representam a esperança de encontro com o verdadeiro Saussure, uma vez que consideram que o CLG obscureceu, distorceu o pensamento do genebrino. Para nós, porém, em consonância com Silveira (2011, 2014), elas representam outra possibilidade de leitura da teoria que mudou a história da linguística.

Por esse viés, a importância do CLG não é diminuída. Isso porque, tal qual Silveira (2007), acreditamos que a edição do CLG foi durante muito tempo “o único meio pelo qual se podia ter acesso à teorização de Saussure”, além de que é preciso considerar “a capital importância do reconhecimento da edição no processo de fundação da Linguística” (SILVEIRA, 2007, p. 16).

Assim, levando em conta a força deste pensamento que resistiu ao tempo, à modernidade, propomos, então, uma nova leitura de Saussure pela via do CLG, a

fim de evidenciarmos como a noção de relação, tão cara aos estudos de Saussure, foi importante para a construção dos diversos conceitos propostos por ele e que se tornaram, ao longo do tempo, conceitos basilares da ciência linguística.

2. A noção de relação pelos leitores de Saussure

A importância da noção de relação para a teoria linguística de Ferdinand de Saussure foi notada por diversos pesquisadores que se dedicaram ao estudo da reflexão linguística saussuriana.

Exemplarmente, em uma reflexão sobre a teoria do valor, Normand aponta em seu estudo a importância da relação na distinção entre as noções de entidade, unidade e valor, feita por Saussure no capítulo III da Segunda Parte do CLG, e que dá as bases para a importante reflexão sobre o valor linguístico. A afirmação de que “a noção de valor recobre as de unidade, de entidade concreta e de realidade” (SAUSSURE, 2012 [1970], p. 55) atesta, segundo a autora, uma preferência pelo termo valor, por parte de Saussure, tendo em vista que o termo unidade implica uma possibilidade de isolar os elementos da língua e o termo entidade remete a uma questão filosófica, já o termo valor implica a existência de relações no fenômeno linguístico: “Ao termo *unidade* – que implica sempre a possibilidade de isolar elementos – e ao termo *entidade* – que denota uma interrogação filosófica –, preferir-se-á, pois, o *valor*, que supõe a existência de uma relação” (NORMAND, 2009 [2000], p. 75).

Na reflexão da autora, a noção de relação é tomada como princípio dos estudos saussurianos: “o funcionamento [das línguas] obedece ao mesmo princípio geral: só há relações.” (NORMAND, 2009 [2000], p. 75). Para ela, o CLG permite tomar como termos equivalentes *signos, relações, valores, diferenças*, apontando para a centralidade da noção por nós perscrutada. Ela ainda se questiona: “Pode-se então dizer que se analisam *unidades* quando se deveria tratar sempre de *relações* entre

unidades diferentes?” (NORMAND, 2009 [2000], p. 76). Em resposta, Normand afirma que a unidade linguística em Saussure é uma identidade de relações.

Para compreender a verdadeira natureza das unidades linguísticas, é necessário parar de querer isolar formas que seriam observáveis em si e admitir que elas não podem ser apreendidas se não em suas relações com outras, que **elas só existem, do ponto de vista linguístico, nessas relações** (NORMAND, 2009 [2000], p. 79).

Assim, com base no que é dito pela autora, Saussure, em sua teoria, substitui a noção de unidade, que remete à possibilidade de tomar os elementos separadamente, bem como a de entidade, pela de *valor*, isso porque essa última noção “supõe a existência de uma relação” (NORMAND, 2009 [2000], p. 79) e invalida a existência de elementos positivos, isoláveis e diretamente observáveis.

Para Normand, a novidade da proposta teórica de Saussure não reside simplesmente na definição da língua enquanto sistema, mas sim no que essa concepção engendra no interior dessa teoria. Há tempos, já se observava que os elementos da língua eram articulados e determinados reciprocamente. O que faz a novidade em Saussure é o fato da noção de sistema ser tomada como *funcionamento* ou *mecanismo*, o que remete à natureza relacional das unidades linguísticas.

O termo comum [sistema] é tomado, no entanto, por Saussure em uma acepção *mais* precisa, de certo modo técnica: explicitado como *funcionamento* ou *mecanismo*, ele remete a uma característica julgada fundamental das *unidades linguísticas*: a de que é impossível apreendê-las fora do sistema específico em que elas são tomadas, pois **é nele que está seu modo de realidade**; elas só possuem existência para um locutor nas relações recíprocas que mantêm e que lhes dão sentido. Abordadas **fora dessas relações**, as unidades linguísticas não passam de elementos materiais desprovidos de significação; em outras palavras, **elas não são mais linguísticas** (NORMAND, 2009 [2000], p. 50, grifos nossos em negrito, grifos da autora em itálico).

A partir disso, é possível entender que Saussure não só coloca as unidades da língua em relações, no interior de um sistema, mas estabelece as relações como condição de existência das unidades linguísticas, uma vez que as unidades só têm valor no sistema, e, conseqüentemente, são condição de existência do próprio sistema linguístico, o que permitirá sua elaboração sobre a ordem própria da língua. Desse modo, entendemos que as unidades, relacionais em sua natureza, condicionam o sistema e vice-versa.

A questão das unidades está atrelada à teoria do valor proposta pelo genebrino. Essa teoria é explicitada, em especial, no capítulo IV “O valor linguístico” da Segunda Parte do CLG. Nesse capítulo, é apresentada a teoria que, para muitos estudiosos, constitui o ponto central da produção teórica de Ferdinand de Saussure. Em um estudo sobre o lugar dessa teoria no CLG, Silveira (2009, p. 50) afirma a sua fundamental importância para uma nova noção de língua. Segundo ela, a partir dessa teoria é possível pensar a língua enquanto sistema, modificando, com isso, o modo de concebê-la em relação ao pensamento. Isso porque, ao propor que “a língua é um sistema que conhece somente sua ordem própria” (SAUSSURE, 2012 [1970], p. 55), Saussure inviabiliza a concepção de língua enquanto representação do pensamento.

Ducrot (1968) também trata da noção de relação na teoria do valor linguístico ao tematizar sobre a noção de estrutura em Saussure. Segundo ele, a partir do conceito de valor, Saussure estabelece que a identidade dos elementos só pode ser definida em relação aos outros elementos da língua. Desse modo, a identidade dos elementos não está neles próprios, ela é determinada pelas relações com os outros termos, o que nos atesta a impossibilidade de tratar da identidade dos elementos fora da organização do sistema. Assim, para Ducrot (1968, p. 68), Saussure distingue dois tipos de identidade: uma material e uma relacional. A Linguística História erra em atribuir aos signos uma identidade material baseada no caráter fônico ou semântico

dos elementos. A contribuição de Saussure está, então, em definir que a identidade das unidades da língua é puramente relacional e, nesse sentido, ela é definida a partir das relações que essas unidades estabelecem entre si.

Nessa mesma linha de pensamento, Benveniste (2005 [1966]) afirma que em Saussure “a noção positivista do *fato* linguístico é substituída pela de *relação*” (BENVENISTE, 2005 [1966], p. 23, grifos do autor). Dessa maneira, se antes cada fato era considerado pela sua individualidade e definido por si mesmo, na teoria saussuriana, o fato linguístico é definido pela relação, sendo tomado sempre como parte de um conjunto.

Cada uma das unidades de um sistema define-se assim pelo conjunto das *relações* que mantém com as outras unidades e pelas *oposições* em que entra: é uma entidade relativa e opositiva, dizia Saussure. Abandona-se, pois, a ideia de que os dados da língua valem por si mesmos e são “fatos” objetivos, grandezas absolutas¹, susceptíveis de se considerarem isoladamente. Na realidade, as entidades linguísticas não se deixam determinar senão no interior do sistema que as organiza e as domina, e umas em razão das outras. Não têm valor a não ser como elementos de uma estrutura. Logo em primeiro lugar, é o sistema que é preciso destacar e descrever. Elaborar-se assim uma teoria da língua como sistema de signos e como organização de unidades hierarquizadas (BENVENISTE, 2005 [1966], p. 23, grifos do autor).

Benveniste reitera o que é dito por Saussure, ao afirmar que os elementos de uma língua não possuem “uma realidade substancial; cada um deles adquire o seu valor pelo fato de que se opõe ao outro” (BENVENISTE, 2005 [1966], p. 23). Essa questão da não substancialidade linguística é justificada exatamente pela noção de relação introduzida por Saussure no estudo das unidades linguísticas. Se o fato

¹ A inadequação de se considerar os fenômenos linguísticos como grandezas absolutas também está relacionada a não substancialidade linguística e ao entendimento do fato de língua pela concepção de valor. Se um signo muda, por exemplo, consequência da falta de substância, seu valor muda, bem como o valor de outros signos linguísticos aos quais ele está associado.

linguístico não pode ser definido em si mesmo, é porque ele não é substancial, trata-se de uma forma e, portanto, não há nele qualquer substância.

As reflexões de Normand, Ducrot e Benveniste testemunham a importância da noção de relação na compreensão saussuriana de unidade e na elaboração da teoria do valor, demonstrando que ela é peça-chave nessa reflexão e, portanto, imprescindível ao movimento de teorização de Ferdinand de Saussure. Tais estudiosos nos permitem evidenciar a importância da noção de relação para a reflexão do mestre genebrino, em especial, para a construção teórica do valor linguístico. Todavia, eles nos instigam, também, a colocar outras questões sobre essa noção no interior da teorização de Saussure, que nos possibilitariam entender porque a noção de relação se tornou tão cara aos estudos de Saussure, também, a nosso ver, para a compreensão das demais noções propostas por ele, tais como língua, sincronia, diacronia, mutabilidade, imutabilidade, arbitrariedade e linearidade.

Embora esses autores apontem de um modo mais geral a importância da noção de relação em Saussure, acreditamos que algumas questões, de ordem mais específica, a respeito da noção de relação na teoria saussuriana se fazem pertinentes e ainda podem ser colocadas, tendo em vista a produtividade teórica dessa noção. Com base nisso, nossa análise do CLG será guiada pelos seguintes questionamentos: a) quais elementos nos autorizam a afirmar a relevância da noção de relação no CLG? E, ainda, b) por que essa noção é imperativa no entendimento do conjunto conceitual elaborado por Ferdinand de Saussure?

3. A noção de relação e os conceitos saussurianos

3.1 A língua definida por relações

A noção de relação parece ocupar lugar importante na teorização do CLG pela primeira vez no capítulo III de sua Introdução, nomeado “Objeto da Linguística”, em que a noção de língua é definida. Nesse capítulo, Saussure diferencia a língua da

linguagem e da fala e é, sobretudo, na definição de língua que a noção de relação é movimentada. Mesmo que o termo “relação” não apareça nesse primeiro momento da teorização, outros termos, como associação, correspondência e união nos testemunham a existência de relações no fenômeno linguístico. É o que, por exemplo, sugere-nos a seguinte passagem: “seja qual for a que se adote, o fenômeno linguístico apresenta perpetuamente duas faces que se correspondem e das quais uma não vale senão pela outra” (SAUSSURE, 2012 [1970], p. 39).

Em uma de suas primeiras definições, a língua é apresentada como “um sistema de signos distintos correspondentes a ideias distintas” (SAUSSURE, 2012 [1970], p. 42). Por essa passagem, entende-se que há uma relação entre os signos, mais tarde entendidos como “significantes”, e as ideias e que o total resultante dessa relação ou correspondência, mais tarde definido como “signo”², pertence a um sistema. É o que também pode ser entendido pela seguinte passagem:

O ponto de partida do circuito se situa no cérebro de uma delas [das pessoas que compõem o circuito], por exemplo A, em que os fatos de consciência, a que chamaremos conceitos, se acham **associados** às representações dos signos linguísticos ou imagens acústicas que servem para exprimi-los.³ (SAUSSURE, 2012 [1970], p. 43, grifo nosso).

No excerto acima, em que o circuito da fala é reconstituído, há uma flutuação na nomenclatura. As “ideias” da citação anterior são substituídas aqui pela noção de “fatos de consciência” ou “conceito” e os “signos linguísticos” passam a ser entendidos também como “imagens acústicas”. Apesar da flutuação terminológica,

² É importante notarmos que, ainda no CLG, os conceitos parecem estar em processo de elaboração o que explica a flutuação terminológica que aparece na edição.

³ Ao longo do CLG, as noções de representação e de expressão são substituídas pela noção de associação, a nosso ver, devido à inadequação dessas noções para o entendimento da língua enquanto um sistema autônomo e não mais como uma representação ou expressão do pensamento.

essa passagem é importante porque ela testemunha o caráter associativo e, portanto, relacional do signo linguístico já em suas primeiras definições.

A língua é novamente definida: “constitui-se num sistema de signos em que, de essencial, só existe a **união** do sentido e da imagem acústica e, em que as duas partes do signo são igualmente psíquicas” (SAUSSURE, 2012 [1970], p. 46), e ainda “os signos linguísticos, embora sendo essencialmente psíquicos, não são abstrações; as **associações**, ratificadas pelo consentimento coletivo e cujo conjunto constitui a língua, são realidades que têm sua sede no cérebro” (p. 46).

Nessa passagem, o signo indica o total resultante da associação entre o sentido ou conceito e a imagem acústica. Esse trecho é, para nós, importante, pois ele revela o caráter essencial da associação que se estabelece no interior do signo, reafirmando, mesmo que de modo inicial, a importância da noção de relação para o signo postulado por Saussure.

Embora no capítulo “Objeto da linguística” a definição de língua aponte, principalmente, para a relação que ocorre no interior do signo linguístico, ela mobiliza outra importante noção que também é testemunha da fecundidade da noção de relação para o entendimento da língua: a de sistema. Como vimos nas passagens anteriores, para Saussure a língua é um sistema de signos. Ao analisar o funcionamento do circuito da fala, ainda no capítulo em questão, Saussure afirma: “Cumprir acrescentar uma faculdade de **associação** e de **coordenação** que se manifesta desde que não se trate mais de signos isolados; é essa faculdade que desempenha o principal papel na organização da língua enquanto sistema” (p. 44). Entender a língua como um sistema requer, então, que tratemos os signos não mais de forma isolada, mas sim no interior do sistema, isto é, a partir de suas relações com os outros signos da língua.

Ainda no que se refere à elaboração conceitual de língua, a noção de relação se faz importante na distinção realizada entre aquilo que é interno à língua e aquilo que

é externo a ela. Essa distinção é feita principalmente no capítulo V da “Introdução” do CLG, denominado “Elementos internos e elementos externos da língua”. Ao delimitar os interesses da Linguística, Saussure separa o que é linguístico do que é extralinguístico, isto é, o que é interno à língua do que é externo a ela. Assim, nesse capítulo, Saussure delimita, a um só tempo, tanto os interesses do estudo linguístico propriamente dito, redefinindo o campo de atuação desta ciência, como também estabelece os limites do próprio objeto de investigação.

Para Saussure, é preciso estabelecer limites e separar do estudo linguístico tudo que seja externo ao sistema, é o que nos mostra a seguinte passagem do CLG: “Nossa definição da língua supõe que eliminemos dela tudo o que lhe seja estranho ao organismo, ao seu sistema: tudo quanto se designa pelo termo *Linguística Externa*” (SAUSSURE, 2012 [1970], p. 53).

São externas à língua e, conseqüentemente, ao estudo linguístico: i) todas as relações que podem existir entre a história de uma língua e de uma raça ou civilização; ii) as relações existentes entre a língua e a história política; iii) as relações da língua com instituições de toda espécie, a Igreja, a escola etc. iv) as relações recíprocas entre a língua literária e a língua corrente; e, por fim, v) tudo quanto se relaciona com a extensão geográfica das línguas (cf. SAUSSURE, 2012 [1970], p. 53-54).

Saussure não nega a importância de tais relações, tendo em vista a ligação que há entre o que é externo à língua e o que é interno a ela. Ele afirma que em outros estudos, como na investigação biológica, as relações externas são de suma importância, isso porque, segundo ele, uma planta, por exemplo, “é modificada no seu organismo interno pelos fatores externos (terreno, clima etc.)” (SAUSSURE, 2012 [1970], p. 54). No que se refere à língua, o linguista deve ponderar que uma nação é reconhecida por sua língua e que uma língua constitui uma nação; que acontecimentos históricos, como a dominação de povos, podem ocasionar transformações em um idioma; que a língua literária acaba por determinar questões

da língua natural; e que a diversidade geográfica é fator primário na investigação da diversidade linguística. Entretanto, Saussure ressalta que no âmbito dos estudos linguísticos a não investigação das relações externas não impede o estudo daquilo que é interno à língua. Ele exemplifica:

Tomemos, por exemplo, o empréstimo de palavras estrangeiras; pode-se comprovar, inicialmente, que não se trata, de modo algum, de um elemento constante na vida de uma língua. Existem, em certos vales retirados, dialetos que jamais admitiram, por assim dizer, um só termo artificial vindo de fora. Dir-se-á que esses idiomas estão fora das condições regulares da linguagem, incapazes de dar-nos uma ideia dela, e que exigem um estudo “teratológico” por não terem jamais sofrido mistura? Cumpre, sobretudo, notar **que o termo emprestado não é considerado mais como tal desde que seja estudado no seio do sistema; ele existe somente por sua relação e oposição com as palavras que lhe estão associadas, da mesma forma que qualquer outro signo autóctone.** (SAUSSURE, 2012 [1970], p. 55, grifo nosso).

Pela passagem acima, entende-se que o fenômeno do empréstimo – segundo Saussure, de modo algum constante na vida de uma língua – pode ser estudado no seio do sistema sem que suas condições originais, isto é, suas condições na língua de origem, sejam investigadas. Nesse sentido, o termo emprestado deve ser analisado unicamente a partir das relações e oposições que ele mantém com os outros termos do novo sistema do qual agora faz parte, são essas relações que lhe permitem nova existência e são essas relações que cabe à Linguística investigar. Como afirma Saussure, o termo emprestando “**existe somente** por sua relação e oposição com as palavras que lhe estão associadas”. Por esse excerto, entende-se, então, que o fenômeno do empréstimo, segundo Saussure, é condicionado, unicamente, pelas relações estabelecidas na nova língua. Chamamos atenção, ainda, para o trecho em itálico, no qual Saussure atesta que a existência de qualquer outro signo autóctone – isto é, próprios de uma determinada região, e que, portanto, não são advindos de

empréstimos – também se deve às relações e oposições, reafirmando o princípio relacional e opositivo que rege o funcionamento dos signos linguísticos.

Ainda no que diz respeito às relações linguísticas, Saussure diferencia dois modos de concebê-las, considerando-as em si mesmas ou em função do tempo, é a distinção realizada entre o estudo sincrônico e o estudo diacrônico. Essas noções são apresentadas no capítulo III da Primeira Parte – Princípios Gerais, nomeado “Linguística Estática e Linguística Evolutiva”. Nele podemos ver como a noção de relação é mobilizada na definição desses importantes conceitos saussurianos⁴. Nesse capítulo, Saussure afirma que o fator tempo cria, na Linguística, dois caminhos divergentes de abordagem da língua, que nos exigem distinguir o eixo das simultaneidades e o eixo das sucessões.

*O eixo das simultaneidades, concernentes às **relações entre coisas existentes**, de onde toda intervenção do tempo se exclui e o *eixo das sucessões*, sobre o qual não se pode considerar mais que uma coisa por vez, mas onde estão situadas todas as coisas do primeiro eixo com suas respectivas transformações. (SAUSSURE, 2012 [1970], p. 121, grifo nosso em negrito, grifo da edição em itálico).*

Essa distinção, segundo Saussure, imprescindível a todas as ciências que trabalham com valores, exige que o linguista diferencie, então, “o sistema de valores considerados em si, desses mesmos valores considerados em função do tempo” (SAUSSURE, 2012 [1970], p. 122). Essa exigência aumenta quando se trata de sistemas complexos tal qual a língua. Vejamos:

Sistema algum apresenta esse caráter tanto quanto a língua: em parte alguma se encontra igual precisão de valores em jogo, um número tão grande e uma diversidade tamanha de termos, numa dependência recíproca tão estrita. A multiplicidade dos signos, já invocada para

⁴ Para um estudo detalhado da noção de relação na distinção entre sincronia e diacronia em manuscritos saussurianos, ver Marques (2017).

explicar a continuidade da língua, nos impede absolutamente de estudar-lhe, ao mesmo tempo, **as relações no tempo e no sistema**. (SAUSSURE, 2012 [1970], p. 122, grifo nosso).

A partir disso, é possível entender que enquanto o estudo sincrônico, ou a Linguística Estática, basear-se-á na investigação dos estados de língua, isto é, **das relações coexistentes de um sistema**, o estudo diacrônico, ou a Linguística Evolutiva, basear-se-á na investigação das **evoluções ou transformações das relações da língua**. É importante esclarecermos que embora o tempo seja um fator externo à língua, diferentemente dos outros fatores elencados por Saussure, sua “intervenção” (SAUSSURE, 2012 [1970], p. 121) incide de um modo fundamental na língua, distinguindo duas maneiras de abordar o fenômeno linguístico. Isso nos permite observar que este fator externo aparece atrelado às reflexões sobre a língua no que diz respeito ao modo de conceber suas relações. É o que também afirma a seguinte passagem: “[...] o fenômeno sincrônico nada tem em comum com o diacrônico, um é uma relação entre elementos **simultâneos**, o outro, a substituição de um elemento por outro **no tempo**, um acontecimento” (SAUSSURE, 2012 [1970], p. 133).

Ainda no que diz respeito à noção de relação, atentemos ao trecho de conclusão do capítulo em questão:

*A Linguística sincrônica se ocupará das **relações lógicas e psicológicas que unem os termos coexistentes e que formam sistemas**, tais como são percebidos pela consciência coletiva. A Linguística diacrônica estudará, ao contrário, **as relações que unem termos sucessivos percebidos por uma mesma consciência coletiva e que substituem uns aos outros sem formar sistema entre si**. (SAUSSURE, 2012 [1970], p. 142, grifos nossos).*

Nesse trecho, ao contrário do que é dito anteriormente por Saussure, de que “o fenômeno sincrônico nada tem em comum com o diacrônico” – possivelmente em vista de enfatizar a distinção entre eles, dado que as relações diacrônicas são

estabelecidas entre estados sincrônicos –, é possível afirmar que as relações operam como um fator comum entre esses dois fenômenos. Ambos os estudos concernem à investigação das relações linguísticas; a sincronia, porém, ao estudo das relações coexistentes e a diacronia ao estudo das relações no tempo.

É importante observarmos o fato de que, nesse fragmento do CLG, Saussure inviabiliza a noção de sistema no entendimento da diacronia. Ele afirma que a Linguística diacrônica estudará os termos sucessivos que não formam sistema entre si. Apesar da importância da noção de relação para a definição de ambos os conceitos saussurianos, nossa análise da noção de relação na edição do CLG nos mostra que essa noção é movimentada fundamentalmente na elaboração teórica dedicada à sincronia. Mesmo que ela apareça em alguns momentos da reflexão sobre a diacronia, observamos que não há nela uma centralidade tal qual ocorre nos estudos sincrônicos. A nosso ver, isso ocorre em decorrência da essencialidade da noção de relação para o entendimento do sistema linguístico. Não há como pensar o sistema sem as relações. O sistema, por sua vez, entendido como mecanismo ou funcionamento linguístico, se forma, pelo que nos mostra os termos anteriormente analisados, somente nos estados linguístico, isto é, na sincronia.

3.2 A natureza relacional do signo linguístico

Anteriormente, abordamos a noção de relação na elaboração de língua no capítulo III da Introdução, “Objeto da Linguística”, e, inevitavelmente, tratamos, de modo panorâmico, da noção de signo. Vimos que a noção de signo, por vezes, entra na definição de língua e como a noção de relação é importante para o entendimento de ambos os conceitos saussurianos. A língua é um sistema de signos e, portanto, supõe relações entre os signos linguísticos que compõem o sistema e relações entre as partes constituintes do signo, dado seu caráter dual. Apesar do tratamento dado à noção de signo no tópico que antecede, é importante que tratemos do signo de um

modo ainda mais específico, acompanhando a elaboração dessa noção no capítulo I dos Princípios Gerais dedicado a tratar da “Natureza do signo linguístico”.

Nesse capítulo, nosso argumento de que a noção de relação compõe as bases do signo encontra novas forças. Nele há uma objeção ao entendimento da língua enquanto nomenclatura, isto é, enquanto “uma lista de termos que correspondem a outras tantas coisas” (SAUSSURE, 2012 [1970], p. 105).

Para Saussure, compreender a língua enquanto uma nomenclatura, como aponta o CLG, é entender que as ideias preexistem às palavras e, portanto, que o fenômeno linguístico é um simples ato de nomeação. Segundo Saussure, essa falsa concepção nos revela algo da língua, ela “pode aproximar-nos da verdade, mostrando-nos que a unidade linguística é uma coisa dupla, constituída da união de dois termos” (SAUSSURE, 2012 [1970], p. 106). Embora Saussure negue que a língua seja uma nomenclatura, ele retira dessa concepção errônea o entendimento de que o fenômeno linguístico é dual e, portanto, estabelece uma relação. Entretanto, Saussure observa que a relação existente na unidade linguística não é coisa simples e não se trata meramente de uma relação de associação entre uma palavra e uma coisa no mundo.

[...] os termos implicados no signo linguístico são psíquicos e estão **unidos**, em nosso cérebro, por um **vínculo de associação**. Insistamos nesse ponto.

O signo linguístico **une** não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica. Esta não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão (*empreinte*) psíquica desse som, a representação que dele nos dá o testemunho de nossos sentidos; tal imagem é sensorial e, se chegamos a chamá-la “material”, é somente nesse sentido, e por oposição ao outro termo da associação, o conceito, geralmente mais abstrato. (SAUSSURE, 2012 [1970], p. 106, grifo nosso em negrito, grifo da edição em itálico).

Ao definir que o signo linguístico associa um conceito e uma imagem acústica, e que ambas as suas partes são psíquicas, Saussure elimina do fenômeno linguístico tudo que é extralinguístico. Assim, ele elimina a “coisa” e exclui a possibilidade de

entendimento da língua enquanto uma nomenclatura, isto é, enquanto uma lista que nomeia uma série de coisas. Para Saussure o signo é essencialmente uma “entidade psíquica de duas faces” (SAUSSURE, 2012 [1970], p. 106).

Esses dois elementos [o conceito e a imagem acústica] **estão intimamente unidos e um reclama o outro**. Quer busquemos o sentido da palavra latina *arbor*, quer a palavra com a qual o latim designa o conceito “árvore”, está claro que somente as vinculações consagradas pela língua nos parecem conformes com a realidade, e abandonamos toda e qualquer outra que se possa imaginar. (SAUSSURE, 2012 [1970], p. 107, grifo nosso em negrito, grifo da edição em itálico).

Trata-se, então, de uma união em que uma parte reclama a outra. Nesse sentido, entende-se que o signo linguístico proposto por Saussure depende da relação que se estabelece entre o conceito e a imagem acústica. Isso nos faz perceber, então, que as relações estabelecidas no interior do signo linguístico, isto é, as vinculações consagradas pela língua, funcionam como suas condições de existência, do mesmo modo que as relações entre os signos linguísticos, das quais trataremos adiante.

Essa questão é tratada ainda na parte dedicada à Linguística Sincrônica do CLG. No capítulo II dessa parte, “As entidades concretas da língua”, os signos são apresentados como os objetos concretos da ciência linguística. “Os signos de que a língua se compõe não são abstrações, mas objetos reais; **é deles e de suas relações que a Linguística se ocupa**; podem ser chamados *entidades concretas* dessa ciência” (SAUSSURE, 2012 [1970], p. 147, grifo nosso em negrito, grifo da edição em itálico). A realidade do signo linguístico e, portanto, seu caráter concreto, repousa sobre a relação estabelecida entre o significante e o significado.

A entidade linguística só existe pela associação do significante e do significado; se se retiver apenas um desses elementos, ela se desvanece; em lugar de um objeto concreto, tem-se uma pura abstração. A todo momento, corre-se o perigo de não discernir senão

uma parte da entidade, crendo-se abarcá-la em sua totalidade. (SAUSSURE, 2012 [1970], p. 147, grifo nosso).

[...] é o que ocorreria, por exemplo, se se dividisse a cadeia falada em sílabas; a sílaba só tem valor em Fonologia. Uma sequência de sons só é Linguística quando é suporte de uma ideia; tomada em si mesma, não é mais que a matéria de um estudo fonológico.

O mesmo ocorre com o significado se o separarmos de seu significante. Conceitos como “casa”, “branco”, “ver”, etc. considerados em si mesmos pertencem à Psicologia; **eles só tornam entidades linguísticas pela associação com imagens acústicas.** (SAUSSURE, 2012 [1970], p. 147-148, grifo nosso).

O signo, nesse sentido, deve ser tomado em sua totalidade. Considerar apenas uma das suas partes fora de sua relação interna é abstrair e eliminar a realidade do signo linguístico.

3.3 Da noção de relação no princípio da arbitrariedade e da linearidade

Ainda no capítulo I dos Princípios Gerais, “Natureza do signo linguístico”, são apresentados dois princípios gerais que regem o funcionamento do signo linguístico, na elaboração dos quais também é possível observarmos a noção de relação sendo posta a funcionar. O primeiro princípio é o da arbitrariedade. Ele atesta que “o laço que une o significante ao significado é arbitrário ou então, visto que entendemos por signo o total resultante da associação de um significante com um significado, podemos dizer mais simplesmente: o signo linguístico é arbitrário” (SAUSSURE, 2012 [1970], p. 108). Afirmar a arbitrariedade do signo significa afirmar que não há razão de ser do significante em relação ao significado. Assim, uma ideia pode se ligar a uma sequência de som qualquer, uma vez que não há vínculo natural entre essas duas partes do signo: “[...] queremos dizer que o significante é *imotivado*, isto é, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade” (SAUSSURE, 2012 [1970], p. 109).

Ao tratar do “Mecanismo da Língua” no capítulo VI da Linguística Sincrônica, a noção de arbitrário, entendida como o arbitrário absoluto, é diferenciada do arbitrário relativo.

O princípio fundamental da arbitrariedade do signo não impede distinguir, em cada língua, o que é radicalmente arbitrário, vale dizer, imotivado, daquilo que só o é relativamente. Apenas uma parte dos signos é absolutamente arbitrária; em outras, intervém um fenômeno que permite reconhecer graus no arbitrário sem suprimi-lo: o signo pode ser **relativamente motivado**. (SAUSSURE, 2012 [1970], p. 180, grifo nosso).

Saussure exemplifica: enquanto vinte é absolutamente arbitrário, porque não há nada no significante *vinte* que determine sua união com a ideia a ele associada, dezenove é relativamente motivado, isto é, motivado em relação a outro signo linguístico. Isso porque dezenove é composto pela união de dois signos que tomados separadamente são absolutamente arbitrários, dez e nove. Além disso, diz-se que dezenove é relativamente motivado porque ele evoca outros termos da língua que estão nas mesmas condições, por exemplo, dezoito, dezessete, etc.

Assim, a noção de relativamente motivado implica:

1º - a análise do termo dado, portanto, uma **relação sintagmática**; 2º - a evocação de um ou vários termos, portanto, uma **relação associativa**. Isso não é senão o mecanismo em virtude do qual um termo qualquer se presta à expressão de uma ideia. Até aqui, as unidades não nos apareceram como valores, vale dizer, como os elementos de um sistema, e nós as consideramos, sobretudo, nas suas oposições; agora reconhecemos as solidariedades que as vinculam; são de ordem associativa e de ordem sintagmática; são elas que limitam o arbitrário. *Dezenove* é associativamente solidário de *dezoito*, *dezessete* etc. e sintagmaticamente de seus elementos *dez* e *nove*. **Essa dupla relação lhe confere uma parte de seu valor**. (SAUSSURE, 2012 [1970], p. 181, grifo nosso em negrito, grifos da edição em itálico).

Nota-se, então, que os signos relativamente motivados também estabelecem relações sintagmáticas, entre os termos que os compõem, no exemplo dado, *dez* e *nove*, e associativas, que o assemelha a outros termos da língua que estão nas mesmas condições, tal qual *dezoito*. Com base nesta reflexão, observamos, então, que, para além do entendimento do princípio da arbitrariedade absoluta, a noção de relação parece ocupar lugar importante no entendimento da arbitrariedade relativa – uma vez que o grau de motivação dessa parte dos signos linguísticos é dado em relação a outros signos – e do processo de formação de palavras por meio dos mecanismos sintagmáticos e associativos geradores dos signos relativamente motivados.

Tais mecanismos sintagmáticos e associativos, instaurados fundamentalmente por relações, que operam na formação dos signos relativamente motivados também são mobilizados na reflexão de outro importante processo tematizado por Saussure na parte dos estudos diacrônicos – embora seja considerado por ele um fenômeno inteiramente gramatical e sincrônico –, a analogia, que diz respeito à criação linguística e não à mutação linguística, como até então era concebida pelos estudiosos da Linguística Histórica. Segundo ele, a analogia supõe “a consciência e a compreensão de uma relação que une as formas entre si” (SAUSSURE, 2012 [1970], p. 222). É, pois, no material depositado no tesouro da língua que “as formas geradoras se alinham de acordo com suas relações sintagmáticas e associativas” (SAUSSURE, 2012 [1970], p. 222) dando origem ao fenômeno analógico.

Ainda no que se refere aos princípios que regem o funcionamento do signo linguístico, Saussure aborda a linearidade, também tratada no capítulo I dos Princípios Gerais, “Natureza do signo linguístico”. Segundo o suíço, esse princípio diz respeito ao caráter linear do significante que, por ser de natureza auditiva, desenvolve-se no tempo em uma extensão ou em uma linha. Assim, ao contrário dos significantes visuais que podem ser tomados simultaneamente, os significantes linguísticos podem ser tomados apenas na linha do tempo.

Embora o princípio da linearidade pareça evidente, para Saussure, trata-se de um princípio fundamental e de consequências incalculáveis. “Todo mecanismo da língua depende dele” (SAUSSURE, 2012 [1970], p. 110). O caráter essencial desse princípio é revelado na elaboração da teoria do valor. Isso porque os valores de ordem sintagmática, isto é, entre os signos de um sintagma que adquirem valor por oposição aos signos que o antecedem e aos signos que o sucedem, implicam “relações baseadas no caráter linear da língua, que exclui a possibilidade de pronunciar dois elementos ao mesmo tempo” (SAUSSURE, 2012 [1970], p. 171).

3.4 A imutabilidade e a mutabilidade: a permanência e o deslocamento das relações

A imutabilidade e a mutabilidade linguística são tratadas no segundo capítulo da parte dedicada aos Princípios Gerais. Elas são apresentadas como princípios gerais do signo linguístico, que podem ser entendidos também como princípio de alteração e princípio de continuidade, respectivamente. Embora a noção de relação seja movimentada principalmente na elaboração da mutabilidade do signo, é possível perceber que ela aparece no desenvolvimento do princípio da imutabilidade mesmo que timidamente, uma vez que a relação arbitrária do signo constitui um dos fatores que contribuem para a imutabilidade linguística.

Segundo De Mauro (1973, p. 355), os problemas da relação entre a evolução e a conservação linguística – em suas palavras, “a qual é vista como uma relação dialética”⁵ – foram abordados por Saussure nas lições inaugurais de Genebra. Baseado nessas lições, o CLG nos apresenta que a língua é, por um lado, imutável, porque se trata de uma herança. A língua é sempre recebida de gerações precedentes. É, portanto, “um produto herdado de gerações anteriores e que cumpre receber como tal” (SAUSSURE, 2012 [1970], p. 112). Entretanto, Saussure se questiona se não é possível modificar leis que são herdadas. Para responder tal questão, ele distingue a

⁵ Tradução nossa de: “[...] qui est vu comme un rapport dialectique [...]”.

língua das demais instituições sociais que também são herdadas. Segundo ele, cada uma delas possui uma relação distinta entre o que é imposto pela tradição e a liberdade de mudança pela sociedade. Na língua, a imposição histórica é dominante em relação à liberdade de mudança; “o fator histórico da transmissão a domina totalmente e exclui toda transformação linguística geral e repentina” (SAUSSURE, 2012 [1970], p. 112).

Para responder por que o fator histórico exclui a possibilidade de uma transformação geral e repentina da língua, Saussure elenca quatro argumentos: i) o caráter arbitrário do signo; ii) o número de signos que constituem uma língua: a quantidade de signos é ilimitada; iii) a complexidade do sistema: a massa falante é incapaz de transformar o sistema linguístico dado seu caráter complexo, mesmo que ela faça uso dele, o seu funcionamento é ignorado pelos falantes; iv) a resistência da coletividade à renovação linguística: a língua está em todos os falantes os quais fazem uso dela incessantemente, ao contrário de outras instituições que ocupam apenas parte dos falantes e, ainda, em um tempo determinado. É, pois, o fator arbitrário do signo que testemunha a noção de relação no entendimento da imutabilidade do signo. Ao mesmo tempo em que ele possibilita a mudança linguística, ele impossibilita uma mudança geral, uma vez que a adequação ou não de um significante à ideia não é uma questão pensada pelos falantes de uma língua. Saussure exemplifica:

Poder-se-ia, também, discutir um sistema de símbolos, pois o símbolo tem uma relação racional com o significado; mas para a língua, sistema de signos arbitrário, falta essa base, e com ela desaparece todo terreno sólido de discussão; não existe motivo algum para preferir *souer* a *sister* ou a irmã, *ochs* a *bouef* ou a boi. (SAUSSURE, 2012 [1970], p. 113).

Com base nisso, podemos entender que o fato de um significante qualquer associar-se a um significado qualquer, em uma relação não natural, elimina a

possibilidade de questionamento por parte dos falantes da língua sobre a adequação ou não de um significante para um significado e, conseqüentemente, a tentativa de substituição de um significante por outro.

Na imutabilidade linguística, a arbitrariedade não atua sozinha. Ela está associada à ação simultânea da força social e do tempo, que, como veremos adiante, também constituem fatores essenciais na mutabilidade do signo. É o que nos mostra a seguinte passagem:

Se a língua tem um caráter de fixidez, não é somente porque está ligada ao peso da coletividade, mas também porque está situada no tempo. Ambos os fatos são inseparáveis. A todo o instante, a solidariedade com o passado põe em xeque a liberdade de escolher. Dizemos *homem* e *cachorro* porque antes de nós se disse *homem* e *cachorro*. Isso não impede que exista no fenômeno total um vínculo entre esses dois fatores antinômicos: a convenção arbitrária, em virtude da qual a escolha se faz livre, e o tempo, graças ao qual a escolha se acha fixada (SAUSSURE, 2012 [1970], p. 114, grifos da edição).

No que se refere à mutabilidade, na parte em que esse princípio é elaborado no CLG, o que se coloca em causa é o deslocamento da relação entre o significante e o significado, como se observa nos trechos a seguir:

Em primeiro lugar, não nos equivoquemos sobre o sentido dado aqui ao termo *alteração*. Poder-se-ia fazer acreditar que se tratasse especialmente de transformações fonéticas sofridas pelo significante ou então transformações que afetam o conceito significado. Semelhante perspectiva seria insuficiente. Sejam quais forem os fatores de alteração, quer funcionem isoladamente ou combinados, levam sempre a um *deslocamento da relação entre significado e o significante* (SAUSSURE, 2012 [1970], p. 115, grifos da edição).

Saussure não explicita, nesta reflexão, quais fatores poderiam levar às alterações fonéticas ou às alterações de significado. Para ele, sejam quais forem os

fatores, há sempre um deslocamento da relação interna do signo. Para além de se preocupar com as causas do fenômeno linguístico, Saussure procura, então, explicar o próprio fenômeno:

[...] o latim *necare*, “matar”, deu em francês *noyer*, “afogar”. Tanto a imagem acústica como o conceito mudaram; é inútil, porém, distinguir as duas partes do fenômeno; basta verificar *in globo* que **o vínculo entre ideia e signo se afrouxou e que houve um deslocamento da relação entre ideia e o signo**. (SAUSSURE, 2012 [1970], p. 115, grifo nosso em negrito, grifos da edição em itálico).

Segundo ele,

Sejam quais forem as alterações supostas, uma coisa é certa: ocorreu deslocamento da relação; outras correspondências surgiram entre a matéria fônica e a ideia. (SAUSSURE, 2012 [1970], p. 116, grifo nosso).

Como se vê, para explicitar o fenômeno da mudança ou alteração, Saussure recorre ao deslocamento. Para o linguista, toda mudança ou alteração que ocorre no signo linguístico trata-se de um deslocamento da relação entre as partes que o constituem. É o que podemos observar na seguinte passagem, em que a noção de alteração e a de descolamento são tomadas uma pela outra:

A língua já não é agora livre, porque o tempo permitirá às forças sociais que atuam sobre ela desenvolver seus efeitos, e chega-se assim ao princípio da continuidade, que anula a liberdade. A continuidade, porém, implica necessariamente a alteração, o deslocamento mais ou menos considerável das relações (SAUSSURE, 2012 [1970], p. 119).

Ainda no capítulo dedicado à imutabilidade e à mutabilidade linguística, Saussure explicita que o deslocamento entre o significante e o significado é consequência da arbitrariedade do signo e da ação do tempo e da força social simultaneamente.

No que concerne à arbitrariedade, o linguista afirma: “Uma língua é radicalmente incapaz de se defender dos fatores que deslocam, de minuto a minuto, a relação entre o significado e o significante. É uma das consequências da arbitrariedade do signo” (SAUSSURE, 2012 [1970], p. 116). A partir disso, entende-se que, porque não há um vínculo natural entre as partes do signo linguístico, a relação entre elas é passível de deslocamento. Nesse sentido, a arbitrariedade é característica da relação interna do signo e atua, ao mesmo tempo, como fator no seu deslocamento. Se por um lado ela estabelece a união de um significante qualquer com um significado qualquer, ela também possibilita o deslocamento dessa união.

Como no princípio da imutabilidade, Saussure estabelece que, no funcionamento da mutabilidade, a arbitrariedade age de forma associada à ação do tempo e da força social. Para ele, para que haja mudança na língua, condicionada pela arbitrariedade, faz-se necessário levar em conta a ação do tempo combinada com a ação da força social. Tomar o tempo separadamente da força social, ou o contrário, é insuficiente para que haja mudança.

Pelas passagens do CLG por nós apresentadas, podemos ver como a noção de relação é mobilizada na elaboração do princípio da imutabilidade e da mutabilidade linguística, em especial, a partir da noção de arbitrariedade.

3.5 Da noção de relação na teoria do valor linguístico

No capítulo II da *Linguística Sincrônica*, “As entidades concretas da língua”, Saussure propõe os signos linguísticos como entidades ou unidades concretas das quais a Linguística deve se ocupar. Nele, Saussure explicita a dificuldade de delimitarmos tais entidades ou unidades, uma vez que elas não se apresentam a nós tão facilmente à primeira vista. Assim, muitas vezes, a delimitação de uma unidade recai sobre uma das faces do signo, seja o significante ou o significado, levando o linguista a uma pura abstração. Tendo isso em vista, Saussure afirma que para tratar

da delimitação das unidades é necessário que pensemos, antes, sobre a própria noção de unidade, reflexão essa que nos levará à teoria do valor linguístico.

A noção de unidade é tratada na parte “Identidades, realidades, valores”, em que a noção de valor linguístico começa a ser elaborada. Nessa parte do CLG, Saussure trabalha com as noções de identidade sincrônica e realidade sincrônica, diferenciando-as, para, em seguida, propor uma nova noção, a de valor, que recobrirá, no estudo linguístico, as noções de entidade, unidade e realidade.

A primeira noção tratada por Saussure no capítulo em questão é a de identidade. Saussure se questiona o que é uma identidade sincrônica e quando podemos dizer que estamos diante de uma mesma unidade. Ele exemplifica: podemos ouvir a palavra *Senhores!* por diversas vezes ao longo de uma conferência. Mas, trata-se sempre de uma mesma unidade e, portanto, de uma identidade? Para Saussure, as variações do volume e da entonação atestam diferenças fônicas, como também é possível identificar diferenças semânticas nos diversos usos do termo *Senhores!*, o que o leva a entender que, embora estejamos diante de uma mesma palavra, não se trata de uma mesma unidade linguística; nesse sentido, não há identidade absoluta entre as diferentes atribuições do termo em questão. Com base nisso, ele ressalta que uma entidade não pode ser tomada apenas por seu caráter material, ela deve ser entendida em relação às outras entidades.

Para compreender tal fenômeno, ele exemplifica com fatos externos à linguagem que, embora, segundo ele, não sejam fundamentais para a compreensão daquilo que é linguístico, não cessam de sobrevir em suas reflexões.

[...] falamos da identidade a propósito de dois expressos “Genebra-Paris, 8h45 da noite”, que partem com vinte e quatro horas de intervalo. Aos nossos olhos, é o mesmo expresso, e, no entanto, provavelmente, locomotiva, vagões, pessoal, tudo é diferente. Ou então, quando uma rua é arrasada e depois reconstruída, dizemos que é a mesma rua, embora materialmente nada subsista da antiga. Por que se pode reconstruir uma rua de cima a baixo sem que ela

deixe de ser a mesma rua? Porque a entidade que a constitui não é puramente material; funda-se em certas condições a que é estranha sua matéria ocasional, por exemplo, sua situação relativamente às outras. (SAUSSURE, 2012 [1970], p. 154).

O caso dos dois expressos elucidada o que acontece no fenômeno linguístico. Uma unidade não é definida por sua materialidade, mas por suas condições em relação às outras. Assim, embora aparentemente estejamos diante de uma identidade, como acontece com os usos da palavra *Senhor!* em uma conferência, não podemos afirmar que estamos diante de uma mesma unidade. Como atesta Saussure, “o vínculo entre os dois empregos da mesma palavra não se baseia na identidade material nem na exata semelhança de sentido” (SAUSSURE, 2012 [1970], p. 155), como veremos, adiante, trata-se de uma questão do valor.

No que se refere à realidade sincrônica, Saussure se questiona: o que podemos chamar de realidades linguísticas ou de elementos concretos da língua? Seriam realidades linguísticas as classificações feitas pela gramática? Para Saussure, tais classificações, como os substantivos e os adjetivos, são defeituosas ou incompletas e trata-se de “conceitos forjados pelos gramáticos” sobre os quais não podemos afirmar ao certo se “correspondem realmente a fatores constitutivos do sistema da língua” (SAUSSURE, 2012 [1970], p. 155). Apesar disso, são classificações que procuram dar conta do real e, portanto, podem nos levar às entidades concretas da língua.

Para escapar ao impasse das identidades, realidades e unidades que se coloca no estudo da língua, Saussure propõe, então, que a unidade linguística seja tomada pela noção de valor. Para ele, essa noção não se diferencia essencialmente das noções de identidade e realidade. Se nos colocarmos frente à questão da unidade, da realidade, da entidade e do valor em Linguística, estaremos sempre diante da mesma questão. Todavia, para Saussure, a noção de valor recobre as demais noções.

A questão das unidades está atrelada à teoria do valor proposta pelo genebrino. Essa teoria é explicitada, em especial, no capítulo IV da *Linguística Sincrônica*, “O

valor linguístico”. Nesse capítulo, é apresentada a teoria que, para muitos estudiosos, constitui o ponto central da produção teórica de Ferdinand de Saussure. Em um estudo sobre o lugar dessa teoria no CLG, Silveira (2009, p. 50) afirma a sua fundamental importância para uma nova noção de língua. Segundo ela, a partir dessa teoria é possível pensar a língua enquanto sistema, modificando, com isso, o modo de concebê-la em relação ao pensamento. Isso porque, ao propor que “a língua é um sistema que conhece somente sua ordem própria” (SAUSSURE, 2012 [1970], p. 55), Saussure inviabiliza a concepção de língua enquanto representação do pensamento.

A noção de relação aparece ao longo de todo o capítulo do valor linguístico e, a nosso ver, ela constitui a base teórica dessa reflexão de Saussure. Em um dos primeiros trechos que essa noção aparece, Saussure afirma que:

[...] a ideia de valor, assim determinada, nos mostra que é uma grande ilusão considerar um termo simplesmente como a união de certo som com um certo conceito. Defini-lo assim seria isolá-lo do sistema do qual faz parte; seria acreditar que é possível começar pelos termos e construir o sistema fazendo a soma deles, quando, pelo contrário, cumpre partir da totalidade solidária para obter, por análise, os elementos que encerra. (SAUSSURE, 2012 [1960], p. 160).

Nesse trecho, Saussure ressalta a importância de considerarmos o signo para além de sua relação interna, isto é, entre o significante e o significado. Definir o signo apenas como essa união é, como ele diz, isolá-lo do sistema. Assim, a definição do signo requer que consideremos ainda as suas relações com os demais signos do sistema do qual ele faz parte. É o que pode ser depreendido da seguinte passagem:

Visto ser a língua um sistema em que todos os termos são solidários e o valor de um resulta somente da presença simultânea de outros, segundo o esquema:



como acontece de o valor, assim definido, se confunda com a significação, vale dizer, com a contraparte da imagem auditiva? Parece impossível assimilar as relações aqui representadas pelas flechas horizontais com aquelas representadas mais anteriormente por flechas verticais. Dito de outro modo – para retomar a comparação da folha de papel que se corta – não vemos por que a relação observada entre diversas porções A, B, C, D, etc. há de ser distinta da que existe entre o anverso e o verso de uma mesma porção, seja A/A', B/B' etc. (SAUSSURE, 2012, p. 161-162).

Pelo trecho acima, é possível depreender que o valor de um termo é sistêmico e relacional, uma vez que se dá somente pela presença simultânea de outros. Aqui se vê como a noção de sistema e de relação parecem ser, na reflexão saussuriana, entendidas de modo atrelado e constituem, a um só tempo, pressuposto basilar para existência do valor linguístico de um signo.

Ainda nessa passagem, Saussure diferencia a noção de valor da noção de significação e define cada uma delas a partir da noção de relação. Assim, o valor é definido como as relações representadas pelas flechas horizontais, que dizem respeito às relações entre os signos, enquanto a significação é definida como as relações verticais, aquelas que ocorrem no interior do signo.

Para exemplificar como os signos são revestidos de valores estabelecidos pelas relações entre eles, Saussure demonstra a diferença existente entre os termos *carneiro*, *mouton* e *sheep*. Segundo o linguista, embora os três termos tenham a mesma significação, eles não possuem o mesmo valor linguístico. Isso porque para se referir a uma porção de carne que é servida à mesa, em português, utiliza-se o termo *carneiro* e em francês o termo *mouton*, mas em inglês utiliza-se o termo *mutton* e não *sheep*. Isso demonstra o fato de que no inglês o termo *sheep* adquiriu um valor particular por ter ao seu lado o termo *mutton*, o que não acontece no português e no francês que utilizam um único termo para se referir ao animal e à porção de carne servida à mesa. Assim, segundo Saussure, os termos da língua adquirem valor a partir da oposição que eles estabelecem com os outros signos da língua: “O valor de

qualquer termo que seja está determinado por aquilo que o rodeia” (SAUSSURE, 2012 [1970], p. 163).

De acordo com Saussure, esse princípio aplica-se a qualquer termo da língua, como vimos anteriormente, ele recai sobre o fonema. É o que também ocorre com as entidades gramaticais.

[...] o valor de um plural português ou francês não corresponde ao de um plural sânscrito, mesmo que a significação seja muitas vezes idêntica: é que o sânscrito possui três números em lugar de dois [...]; seria inexato atribuir o mesmo valor ao plural em sânscrito e em português ou francês, pois o sânscrito não pode empregar o plural em todos os casos em que se seria uma regra em português ou francês, seu valor, pois, depende do que está fora e ao redor dele. (SAUSSURE, 2012 [1970], p. 163).

Esta reflexão parece remeter àquela em que o sufixo, entidade gramatical, é definido por Saussure por meio das relações. Assim, no exemplo dado, o plural português, marcado pela desinência sufixal indicativa de número, se difere do valor de um plural francês. Isso porque cada qual é estabelecido no interior do sistema a que pertence de acordo com as relações estabelecidas por eles.

A noção de relação aparece em outras definições dadas ao valor linguístico, seja quando ele é tomado pelo seu aspecto conceitual, seja quando ele é tomado pelo material. Nessas definições, Saussure explicita a natureza das relações entre os signos, caracterizando-as como relações que são, a um só tempo, diferenciais, opositivas e negativas. Por relações diferenciais e opositivas, entende-se que um signo só possui valor porque é diferente, porque é oposto aos demais signos da língua. “Sua característica mais exata é ser o que os outros não são” (SAUSSURE, 2012 [1970], p. 164). Saussure exemplifica:

O genitivo plural tcheco *zen* não é caracterizado por nenhum signo positivo; todavia, o grupo de formas *zena* : *zen* funciona do mesmo

modo que *zena* : *zen'*⁶ que a precedeu; é que somente a diferença dos signos está em jogo; *zena* vale unicamente porque é diferente. (SAUSSURE, 2012 [1970], p. 165)

E ainda,

[...] tomados isoladamente, nem *Nacht* nem *Nätch* são nada; logo, tudo é oposição. Dito de outro modo, pode-se expressar a relação *Natch* : *Nätch* por uma fórmula algébrica *a/b* em que *a* e *b* não são termos simples, mas resultam cada um de um conjunto de relações. A língua é, por assim dizer, uma álgebra que teria somente termos complexos. (SAUSSURE, 2012 [1970], p. 169)

No que se refere ao caráter negativo das relações de valor, entende-se que os “signos atuam, pois, não por seu valor intrínseco, mas por sua posição relativa” (SAUSSURE, 2012 [1970], p. 165). Assim, um signo não é definido positivamente por uma substância material, mas sim negativamente por suas relações. “Quando se diz que os valores correspondem a conceitos, subentende-se que são puramente diferenciais, definidos não positivamente por seu conteúdo, mas negativamente por suas **relações** com os outros termos do sistema” (SAUSSURE, 2012 [1970], p. 164). Desse modo, uma vez que seus conteúdos não são dados previamente, um valor só pode ser estabelecido negativamente a partir das relações de diferença e oposição em relação aos outros, uma vez que o signo é vazio em essência, portanto, negativo. Isso explica o famoso axioma saussuriano que aparece no final do capítulo em questão de que “a língua é forma e não substância”.

Por meio do trecho anteriormente citado, podemos observar, então, que noção de relação atua conjuntamente à noção de negatividade proposta por Saussure no entendimento do valor dos signos linguísticos, o que corrobora com nosso argumento de que a noção de relação é fundamental para essa elaboração.

⁶ Os dois pontos (:) são utilizados, ao longo do CLG e também nos manuscritos saussurianos, para indicar uma relação.

As passagens do CLG apresentadas acima testemunham a importância da noção de relação na compreensão saussuriana de unidade e na elaboração da teoria do valor, demonstrando que ela é peça-chave nessa reflexão e, portanto, imprescindível no movimento de teorização de Ferdinand de Saussure. O valor, assim como outros conceitos saussurianos, tal qual a significação, é definido pela noção de relação.

3.6 As relações sintagmáticas e as associativas

O enunciado que introduz o capítulo V da *Linguística Sincrônica*, “Relações sintagmáticas e Relações associativas”, do CLG reafirma o que até agora procuramos explicar, que a noção de relação compõe a definição de língua, e, conseqüentemente, dos demais conceitos mobilizados por Saussure no entendimento do seu funcionamento: “Assim, pois, num estado de língua, tudo se baseia em relações; como funcionam elas?” (SAUSSURE, 2012 [1970], p. 171). Esse capítulo é, então, dedicado a explicitar o funcionamento das relações linguísticas. Pelo que vimos até aqui, a língua é regida por relações, sejam aquelas do interior do signo linguístico, sejam aquelas estabelecidas entre os signos do sistema. Nesse capítulo específico, trata-se mais uma vez das relações entre os signos da língua. Como já nos mostra o título dado pelos editores a essa parte do CLG, a noção de relação é fundamental nessa elaboração, o que nos auxilia na tarefa de demonstrar fecundidade da noção de relação na teorização saussuriana.

Depois de explicitar que o valor linguístico é estabelecido a partir de relações e diferenças, Saussure ratifica que tais relações pertencem a duas esferas distintas:

As relações e as diferenças entre termos linguísticos se desenvolvem em duas esferas distintas, cada uma das quais é geradora de certa ordem de valores; a oposição entre essas duas ordens faz compreender melhor a natureza de cada uma. Correspondem a duas formas de nossa atividade mental, ambas indispensáveis para a vida da língua. (SAUSSURE, 2012 [1970], p. 171).

Como se vê, as esferas de relações e de diferenças produzem ordens de valores diferentes, que correspondem às duas formas de atividade mental, indispensáveis à vida da língua. A primeira esfera de relações diz respeito, segundo ele, àquelas que se estabelecem entre os signos em um encadeamento do discurso⁷ e que são denominadas relações sintagmáticas. Tais relações se estabelecem em um sintagma, ou seja, em combinações de duas ou mais unidades consecutivas e são entendidas por Saussure como relações *in praesentia*, pois se trata daquelas entre termos efetivamente presentes no discurso:

De um lado, no discurso, os termos estabelecem entre si, em virtude de seu encadeamento, **relações baseadas no caráter linear da língua**, que exclui a possibilidade de pronunciar dois elementos ao mesmo tempo. Estes se alinham um após o outro na cadeia da fala. Tais combinações, que se apoiam na extensão, podem ser chamadas de *sintagma*. O sintagma se compõe sempre de duas ou mais unidades consecutivas [...]. Colocado num sintagma, um termo só adquire seu valor porque se opõe ao que o precede ou ao que o segue, ou a ambos. (SAUSSURE, 2012 [1970], p. 171-172, grifo nosso em negrito, grifo da edição em itálico).

A outra esfera de relações diz respeito àquelas estabelecidas entre os termos na memória, chamadas relações associativas, também denominadas relações *in absentia*, pois se trata de relações mnemônicas virtuais entre os termos da língua. A sede dessas associações não está mais no discurso, como as sintagmáticas que, embora também mentais, se baseiam na extensão, mas na memória do indivíduo falante e fazem parte do “tesouro interior que constitui a língua de cada indivíduo” (SAUSSURE, 2012 [1970], p. 172).

Por outro lado, fora do discurso, as palavras que oferecem algo de comum se associam na memória e assim se formam grupos dentro

⁷ Como vimos anteriormente, esse encadeamento do discurso é possibilitado pela linearidade linguística.

dos quais imperam **relações muito diversas**. Assim, a palavra francesa *enseignement* ou a portuguesa *ensino* fará surgir inconscientemente no espírito uma porção de outras palavras (*enseigner, renseigner, etc.* ou então *armement, changement, ou ainda éducation, apprentissage*); por um lado ou por outro todas têm algo de comum entre si. (SAUSSURE, 2012 [1970], p. 172, grifo nosso em negrito, grifo da edição em itálico).

Nota-se, a partir do trecho citado, que as relações associativas podem ser de ordens diversas, uma vez que suscitam ligações distintas. O linguista explica que essas relações podem se dar no nível do radical, do sufixo, das imagens acústicas ou por analogia dos significados e “não se apresentam nem em um número definido nem numa ordem determinada” (SAUSSURE, 2012 [1970], p. 175), o que faz com que haja “tantas séries associativas quantas relações diversas existam” (SAUSSURE, 2012 [1970], p. 174). Assim, *ensinamento*, por exemplo, pode se associar em nossa memória a *ensinar, ensinemos, etc.* por causa do radical; ou a *aprendizagem, educação, etc.* a partir da analogia dos significados; ou *desfiguramento, armamento, etc.* pelo sufixo.

As relações sintagmáticas e associativas são abordadas ainda no capítulo VI da Segunda Parte do CLG, “Mecanismo da Língua”. Neste capítulo essas noções aparecem na definição de língua, explicitando seu funcionamento.

O conjunto de diferenças fônicas e conceituais que constitui a língua resulta, pois, de duas espécies de comparações, as aproximações são ora associativas, ora sintagmáticas; os agrupamentos de uma e de outra espécie são, em grande medida, estabelecidos pela língua; **é esse conjunto de relações usuais que a constitui e que lhe preside o funcionamento**. (SAUSSURE, 2012 [1970], p. 176, grifo nosso).

Saussure ressalta a importância das *solidariedades sintagmáticas*. Segundo ele, as unidades da língua dependem daquilo que as rodeia, isto é, das outras unidades da cadeia falada, e também das suas partes sucessivas que entram em sua composição, retomando o que havia sido tratado sobre o sufixo. Ele exemplifica.

Uma unidade como *desejoso* se decompõe em duas subunidades (*desej-oso*), mas não se trata de duas partes independentes simplesmente juntadas uma à outra. Trata-se de um produto, uma combinação de dois elementos solidários (*desej + oso*), que só tem valor pela sua ação recíproca numa unidade superior (*desej x oso*). Por sua vez, o radical não é autônomo; ele só existe pela combinação com um sufixo. (SAUSSURE, 2012 [1970], p. 176).

Com base nisso, Saussure afirma a necessidade de considerarmos não só as unidades mais vastas, isto é, os termos e as relações entre eles, mas também a necessidade de considerarmos as unidades mais restritas e suas relações de solidariedade recíproca que entram na composição das unidades mais vastas.

Saussure aponta que existem unidades na língua que são independentes, nesse sentido, não estabelecem relações sintagmáticas. É o que acontece, por exemplo, com o *sim, não, obrigado*. Todavia, ele ressalta que são casos excepcionais, que não ferem o princípio da relação que é geral.

Via de regra, não falamos por signos isolados, mas por grupos de signos, por massas organizadas, que são elas próprias signos. Na língua, tudo se reduz a diferenças, mas tudo se reduz também a agrupamentos. Esse mecanismo, que consiste num jogo de termos sucessivos, se assemelha ao funcionamento de uma máquina cujas peças tenham todas uma ação recíproca, se bem que estejam dispostas numa só dimensão (SAUSSURE, 2012 [1970], p. 177).

O capítulo “Mecanismo da Língua” é um dos últimos capítulos em que a noção de relação aparece na elaboração dos principais conceitos saussurianos. Como apontamos anteriormente, embora a noção de relação apareça na reflexão sobre a diacronia, ela não é mobilizada nessa parte do mesmo modo que ela aparece na Introdução do CLG ou na parte dedicada à Linguística Sincrônica.

4. Considerações Finais

A leitura que fizemos do CLG neste trabalho nos mostrou como a noção de relação é movimentada em diferentes lugares da edição e na definição de conceitos distintos, dando-nos vistas à fecundidade teórica da noção de relação.

Em um primeiro momento, observamos como a noção de relação é mobilizada na definição de língua a partir dos termos “associação”, “correspondência”, “união” que testemunham que o fenômeno linguístico é coisa dupla.

Em seguida, procuramos demonstrar como a noção de relação se faz importante na distinção entre os elementos internos e externos da língua. Assim, embora de fundamental importância, as relações entre a língua e a história, a língua e a política, a língua e a literatura, a língua e a extensão geográfica, são consideradas extralinguísticas e, portanto, secundárias no estudo da língua, uma vez que interessa à Linguística o estudo das relações internas à língua, isto é, daquilo que diz respeito ao seu sistema.

A análise da noção de relação na elaboração do conceito de língua nos mostrou que ela é imprescindível à definição de sincronia, entendida como o estudo das relações entre os termos coexistentes da língua, e de diacronia, entendida como o estudo das relações entre termos no tempo.

Além disso, observamos como a noção de relação é mobilizada na elaboração sobre o signo linguístico, em especial, na definição de que o signo linguístico só existe devido à relação que se estabelece entre um significado e um significante. Essa relação, por sua vez, é caracterizada pela arbitrariedade, que juntamente com a linearidade regem o funcionamento do signo linguístico. Vimos também como a noção de relação incide na distinção entre o arbitrário absoluto e o arbitrário relativo. Além disso, averiguamos como ela é movimentada na elaboração da mutabilidade e imutabilidade do signo. Por fim, nossa análise mostrou que essa noção é peça

fundamental para a teoria do valor e também para a elaboração sobre as relações sintagmáticas e associativas.

A partir disso, pensando nosso primeiro questionamento colocado no início deste trabalho, a saber, quais elementos nos autorizam afirmar a relevância da noção de relação no CLG, acreditamos que a diversidade de conceitos que mobilizam essa noção no CLG, tais como a noção de língua, signo, sincronia, diacronia, mutabilidade, imutabilidade, valor, relações sintagmáticas, relações associativas, nos autoriza a assegurar sua fecundidade na teorização veiculada pelo CLG. Quanto ao nosso segundo questionamento, que coloca em pauta por que a noção de relação é imperativa no entendimento dos conceitos saussurianos, com base nas análises realizadas, somos levados a acreditar que, uma vez que a língua, objeto de investigação linguística para Saussure, é definida por ele fundamentalmente a partir da noção de relação, sobretudo, na definição de língua enquanto um sistema de signos ou, como vimos na análise de manuscritos, como “um sistema inteiramente ordenado em suas partes”, as unidades e o funcionamento do sistema linguístico, explicitados pela noção de signo linguístico e pelo valor linguístico, requer que o concebamos a partir de relações.

Referências

BENVENISTE, E. **Problemas de Linguística geral I**. Trad. de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. 5a edição. Campinas: Pontes Editores, 2005 [1966].

DE MAURO, T. **Cours de linguistique générale**: Edition critique. Paris: Payot, 1973.

DUCROT, O. **Estruturalismo e Linguística**. São Paulo: Cultrix, 1968.

MARQUES, A. C. M. A fecundidade teórica da noção de relação na delimitação entre sincronia e diacronia: uma análise de manuscritos saussurianos. In: **Fórum Linguístico**. V.14, n.2 (2017), Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. <https://doi.org/10.5007/1984-8412.2017v14n2p2027>

NORMAND, C. **Saussure**. Trad. de Ana de Alencar e Marcelo Diniz. São Paulo: Estação Liberdade, 2009 [2000].

_____. Saussure: uma epistemologia da Linguística. In: **As bordas da linguagem**. Org. Eliane Silveira. Uberlândia: EDUFU, 2011.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. Org. por Charles Bally, Albert Sechehaye; com a colaboração de Albert Riedlinger; prefácio da edição brasileira de Isaac Nicolau Salum. Trad. De A. Chelini; J. P. Paes e I. Bliksten. 34a edição. São Paulo: Cultrix, 2012.

SILVEIRA, E. **As marcas do movimento de Saussure na fundação da linguística**. Campinas: Mercado de Letras, 2007.

_____. A teoria do valor no Curso de Linguística Geral. In: **LETRAS & LETRAS**, V. 25, N. 1, Jan/Jun. 2009 - Uberlândia, Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de Letras e Linguística.

_____. O estatuto da rasura nos manuscritos saussurianos. In: SILVEIRA, E. (org.) **As bordas da linguagem**. Ed. EDUFU. Uberlândia. 2011.

_____. O intervalo teórico de Saussure em fins do século XIX. In: **Revista Matraca Estudos Linguísticos e Literários**. V. 21, N. 34, Jan/Jun. 2014. Rio de Janeiro: UERJ, Instituto de Letras.

SOFIA, E. Problèmes philologiques posés par l'oeuvre de Saussure. In: **Langages**. Paris: Ed. Larousse, 2012.

Artigo recebido em: 29.05.2017

Artigo aprovado em: 24.10.2017